

TÍTULO: Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês

ORGANIZADORAS: Jing Zhang  
Maria José Grosso

DESIGN DE CAPA: Sofia Oriana Gaião e Lai Kun Kei

EDITORIA: Universidade de Macau  
Avenida da Universidade, Taipa  
Macau – China  
[www.um.edu.mo](http://www.um.edu.mo) • [info@um.edu.mo](mailto:info@um.edu.mo)  
Tél. (+853) 8822 8833

PAGINAÇÃO E IMPRESSÃO: Jimmy Label Co. • Macau, Novembro de 2022

TIRAGEM: 500 exemplares

ISBN: 978-99965-1-182-0

© Todos os direitos reservados

# COMPARAÇÃO SINO-PORTUGUESA DE METÁFORAS EM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E PROVÉRBIOS

## 中葡熟语中的隐喻比较研究

Chunhui Lu

### Resumo

As expressões e frases convencionais são o fruto duma certa língua, revelando uma verdade ou explicando um determinado fenómeno de forma viva e expressiva. Em português dividem-se em dois grupos específicos: expressão idiomática e provérbio<sup>1</sup>, que são diferentes. Na língua chinesa, o termo geral para designar as expressões e frases convencionais é shúyǔ (fraseologia), dividido em chéngyǔ, sùyǔ, yànyǔ, guànyòngyǔ, xiēhòuyǔ, etc. Caraterizam-se por uma linguagem popular, concisa e, sobretudo, metafórica. Neste artigo apoiamo-nos na teoria de conceito metafórico de Lakoff e Johnson para a análise comparativa de metáforas em expressões idiomáticas e provérbios, entre o chinês e o português. Exemplificamos dez pares bilingues para ilustrar a universalidade e a particularidade de metáforas nos referidos textos, associadas às similaridades e diferenças nas ideologias, nos desenvolvimentos sociais e nas culturas entre os dois povos.

**Palavras-chave:** expressão idiomática; provérbio; conceito metafórico; estudo comparativo

1 Como não existem traduções exatas dos dois termos portugueses, optamos por usar 惯用语 (guànyòngyǔ) e 谚语 (yànyǔ) para os designar.

## 摘要

熟语是语言的结晶，生动地揭示某种真理或解释某种现象。在葡语中，熟语分为惯用语和谚语，两者之间有所区别。在汉语中，熟语分为成语、俗语、谚语、惯用语和歇后语等。它们的共同特点是语言通俗、简明和隐喻性。本文中，我们使用兰考夫和约翰逊的隐喻概念理论比较分析十组中葡熟语中的隐喻，以说明隐喻的普遍性和特殊性。这两种特性与两国人民在意识形态、社会发展和文化方面的异同相关。

**关键词：**惯用语；谚语；隐喻概念；比较研究

## 1. Introdução

As expressões idiomáticas e provérbios, frutos duma certa língua e produção da sabedoria do seu povo, são largamente usados tanto na expressão oral quanto na escrita, ocorrendo em linguagem literária e também em linguagem técnica (Steinberg, 1995). Explicamos melhor com os seguintes exemplos:

- a) *Wōmen... yòng zhòngzhìchéngchéng... shūxiěle kàngyì shǐshī.*  
我们……用众志成城……书写了抗疫史诗。(tradução literal: Escrevemos um poema épico sobre o combate à pandemia com os esforços unidos tão fortes como uma muralha de cidade).<sup>2</sup>
- b) Enfim, naturalmente que a *faca e o queijo estão nas mãos* dos partidos políticos, são eles que vão votar o Orçamento.<sup>3</sup>
- c) *Tā shuō: Dāngjiāde, nǐ bǎ tā shōule ba! Féishuǐ bù liú wàirén tián!*  
她说：当家的，你把她收了吧！肥水不流外人田！(tradução literal: Ela disse – Marido, aceita-a! A água fértil não flui para os campos dos outros!)<sup>4</sup>
- d) No dia seguinte, uns mais cedo, outros mais tarde, porque *o sol não nasce ao mesmo tempo para todos* os cegos.<sup>5</sup>

2 Fonte: mensagem de Ano Novo de 2021, do presidente chinês Xi Jinping.

3 Fonte: discurso do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa sobre o Orçamento do Estado para 2022.

4 Fonte: Mo Yan, Sheng Si Pi Lao (Mo, 2012, p. 13).

5 Fonte: José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira (Saramago, 1995, p. 195).

De entre os quatro exemplos expostos, o primeiro e o segundo são discursos políticos e os últimos são textos literários. No primeiro exemplo, as componentes em ênfase são um *chéngyǔ*, uma espécie da fraseologia chinesa que é geralmente composta por quatro caracteres; “Faca e o queijo estão nas mãos” no segundo exemplo vem da expressão idiomática “ter a faca e o queijo na mão”; “Féishuǐ bù liú wàirén tián” é um *yànyǔ* (provérbio) e significa “não dar os benefícios aos outros”; “o sol não nasce ao mesmo tempo para todos” no último exemplo é um enunciado reestruturado do provérbio “O sol, quando nasce, é para todos”. Todos são expressões / frases convencionais que têm características de linguagem concisa e sentido figurado.

Uma característica típica e comum das expressões idiomáticas e provérbios em chinês e em português é o sentido metafórico. Sendo um elemento essencial, a metáfora reforça a expressividade da linguagem e reflete a riqueza e dimensão da respetiva cultura. A sua conotação, porém, é muito mais do que isso. Conforme a teoria de Lakoff e Johnson (2002), a metáfora está infiltrada na vida quotidiana e o sistema conceitual que governa as nossas atividades quotidianas é fundamentalmente metafórico. Estudar as metáforas permitir-nos-á vir a conhecer mais o mecanismo de pensar e agir de um determinado povo e de uma certa cultura.

O presente trabalho dedica-se aos estudos comparativos sino-portugueses de metáforas verificadas em expressões idiomáticas e provérbios, com o intuito de identificar e analisar as metáforas universais e particulares.

O artigo divide-se em três partes: na primeira parte faz-se uma introdução às expressões idiomáticas e provérbios, respetivamente em português e em chinês; a segunda parte é uma revisão teórica sobre os estudos de metáfora, recorrendo-se às definições do conceito ao longo da história e à teoria de Lakoff e Johnson, estudiosos pioneiros da área; na última secção serão apresentados dez grupos de expressões / provérbios semanticamente concordantes em português e em chinês, a fim de identificar as metáforas universais ou particulares em cada grupo e de as analisar à luz da teoria apresentada.

## 2. Expressões idiomáticas e provérbios em português e em chinês

Não pretendemos, nesta secção, conduzir uma pesquisa terminológica de expressões idiomáticas e provérbios nas duas línguas em causa.<sup>6</sup> Faz-se apenas uma breve apresentação dos mesmos, respetivamente em português e chinês, em

6 Para um conhecimento mais específico na área da terminologia refira-se o trabalho de Zhong (2000).

duas subsecções.

### 2.1 Provérbios e expressões idiomáticas em português

Nesta subsecção apresenta-se provérbio e expressão idiomática em termos de definição, estrutura e origem.

Não é fácil encontrar um consenso em relação à definição de expressão idiomática e provérbio em português (Mendes, 2002; Steinberg, 1995; Wang, 2018). Para muitos pertencem a dois campos diferentes, enquanto que alguns outros, e.g. Veisbergs considera que os provérbios constituem um subgrupo de expressões idiomáticas (Viégas-Faria, 2004). Por outro lado, alguns dicionários de provérbios também contêm expressões idiomáticas, às quais é assim conferido o estatuto de provérbio (Mendes, 2002), o que complica ainda a sua definição. Neste trabalho aceitamos as opiniões de Steinberg (1995) e Zhong (2000), considerando que os dois fazem parte de duas subáreas separadas: as expressões idiomáticas são unidades lexicais complexas e os provérbios são unidades textuais.

Começamos com o provérbio. De entre as várias definições, citamos a do dicionário: “frase curta, de proveniência popular, geralmente rimada, que encerra um pensamento moral. (Dicionário Da Língua Portuguesa, 2011, p. 598)” Veja-se a definição numa outra versão do dicionário: “sentença moral; máxima; ríto; ditado; anexim; pequena comédia que tem por entrecho o desenvolvimento de um provérbio. (Dicionário Da Língua Portuguesa, 1990, p. 1355)” Das definições percebe-se que os provérbios, antes de tudo, são unidades frásicas. Tal como afirma Zhong (2000), a característica singular dos provérbios é ser uma estrutura sintática interna completa. Um texto proverbial conta com os elementos inerentes numa frase, como o sujeito e o predicado.

Divergem as opiniões que se referem à definição de expressão idiomática. Citamos aqui a entrada no dicionário: “expressão com sentido próprio que não pode ser inferido a partir do sentido das partes que a constituem. (Dicionário Da Língua Portuguesa, 2011, p. 323)”. Veja-se também a definição de Xatara, muito citada pelo mundo académico: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural (Xatara, 1998, p. 149).” Pelas definições acima expostas e por muitos outros trabalhos (Wang, 2018, p. 50), somos da ótica de que expressão idiomática pertence à área do léxico, ponto de vista também de Wang (2018), Zhong (2000), Steinberg (1995), entre outros.

Daí a diferença entre provérbio e expressão idiomática em termos de estrutura: os provérbios são, sinteticamente, frases; as expressões idiomáticas, por sua vez, funcionam como unidade lexical (Zhong, 2000). Deixamos aqui dois

exemplos de Steinberg para que a questão seja mais esclarecida: “chorar pela lua” é uma expressão idiomática; “Não adianta chorar pela lua” é um provérbio (Steinberg, 1995).

A seguir debruçamo-nos às origens de provérbio e expressão idiomática em português. Pelas definições mencionadas, não é difícil chegar à conclusão que tanto provérbio quanto expressão idiomática são de origem popular e tradicional, sendo o fruto da sabedoria dos povos. De acordo com Jaime Rebêlo Hespanha, citado por Zhong:

Os provérbios provêm dos oráculos e profetas, das frases dos sábios, das fábulas, das peças teatrais marcantes, dos contos e histórias tradicionais, dos factos de mais relevo e mais frequentes, da repetição de frases concisas que se tornam estribilhos populares, dos costumes do homem e dos povos, da natureza das coisas, do maravilhoso e do incompreensível

(Zhong, 2000, p.20).

Dada a diversidade das suas origens, provérbio e expressão idiomática demonstram marcas culturais, históricas e folclóricas de uma etnia, uma nação, um povo. Com o passar do tempo, os mitos, as histórias religiosas, as palavras dos sábios, as obras literárias e não literárias, e até as leis e fenómenos da natureza contribuem para a sua criação e desenvolvimento, enriquecendo uma determinada cultura.

### 2.2 Expressões idiomáticas e provérbios em chinês (*shúyǔ*)

Na língua chinesa, embora não seja possível encontrar, respetivamente, equivalências exatas a provérbio e expressão idiomática<sup>7</sup>, resolvemos usar os dois termos em conjunto para designar de forma abrangente todas as expressões e frases populares de semelhante natureza e função, as quais, porém, apresentam estruturas diferentes e contextos distintos. No tocante à categorização somos de acordo com Sun (1989), que considera que o *shúyǔ* 熟语 (fraseologia) é o

7 Por exemplo, Wang (2018) defende que o termo expressão idiomática e o *chéngyǔ* não são conceitos equivalentes, opinião contrariando alguns trabalhos anteriores. Liu (2012) propõe a equivalência de *shúyǔ* a expressão idiomática e a de *yànyǔ* a provérbio. Porém, a mesma autora admite que não são “completamente equivalentes”. Zhong (2000), ao abordar esta questão, fala em quatro espécies que considera “essenciais”: *chéngyǔ*, *guànyòngyǔ*, *xièhòuyǔ* e *yànyǔ*, adotando os métodos de categorização de expressão idiomática e provérbio em português, i.e. dividi-las em dois grupos: o grupo lexical e o textual.

gênero e os outros conceitos são os seus subgrupos, nomeadamente *chéngyǔ* 成语, *súyǔ* 俗语, *yànyǔ* 谚语, *guànyòngyǔ* 惯用语 e *xiēhòuyǔ* 歇后语<sup>8</sup>. Nesta subsecção fazemos uma breve descrição dos referidos conceitos, baseando-nos sobretudo nas entradas do Dicionário (Xiandai Hanyu Cidian [Dicionário Do Chinês Contemporâneo (6.ª Edição)], 2012).

*Chéngyǔ* são locuções fixas ou frases curtas. São concisos e têm sido usados ao longo do tempo. Um *chéngyǔ* é normalmente composto de quatro caracteres e tem uma raiz histórica. Alguns *chéngyǔ* não são difíceis de compreender à letra, por exemplo *xiǎo tí dà zuò* 小题大做 (tradução literal: fazer um artigo grande a partir de um tema simples) e *hòu lái jū shàng* 后来居上 (tradução literal: os sucessores excedem os antecessores); no entanto, para compreender os outros é preciso conhecer a sua fonte ou origem, exemplificando *zhāo sān mù sì* 朝三暮四 (tradução literal: três de manhã e quatro à tarde) e *bēi gōng shé yǐng* 杯弓蛇影 (tradução literal: arco de xícara e sombra de cobra).

*Súyǔ*, também conhecido como *súhuà*, são frases fixas vulgares e muito popularizadas, caracterizando-se por serem concisas e figuradas. A grande parte de *súyǔ* foi criada pelo povo trabalhador e representa a sua experiência e vontade. Tomamos só um exemplo: *Tiānxià wú nánshì, zhǐpà yǒuxīnrén* 天下无难事, 只怕有心人 (tradução literal: Nada é difícil para quem persiste.).

*Yànyǔ* são frases fixas que circulam entre o povo. Os *yànyǔ* usam uma linguagem bastante simples mas encerram uma verdade profunda, por exemplo, *Sānbǎiliùshí háng, háng háng chū zhuàngyuán* 三百六十行, 行行出状元 (tradução literal: Em cada uma das trezentas e sessenta profissões distingue-se um *zhuangyuan*<sup>9</sup>).

*Guànyòngyǔ* são locuções fixas em linguagem coloquial.<sup>10</sup> O significado dos *guànyòngyǔ* não se verifica pela interpretação literal, mas sim pelo sentido figurado. Vejam-se dois exemplos: *chuān xiǎoxié* 穿小鞋 (tradução literal: calçar pequenos sapatos) e *pèng dīngzi* 碰钉子 (tradução literal: bater no prego).

*Xiēhòuyǔ* são frases compostas de duas partes: a primeira é como um enigma e a segunda, a chave. Quando se usa geralmente diz-se somente a primeira parte e percebe-se o sentido figurado na segunda parte. Um exemplo é *Nípúsà guòjiāng, zìshēn nánbǎo* 泥菩萨过江——自身难保 (tradução literal: Buda de

lama atravessa o rio: incapaz de se proteger).

### 3. Definições de metáfora e conceito metafórico à luz de Lakoff e Johnson

Uma característica tipicamente verificada nos provérbios e expressões idiomáticas, tanto em português quanto em chinês, é o sentido metafórico, o que é observado em vários trabalhos.

Vilela (2002) considera a metaforicidade o traço característico das expressões idiomáticas. Steinberg (1995) refere que os provérbios imbricam muitas vezes com o aspeto semântico metafórico. Xatara (1998) afirma que uma significação segunda é atribuída às expressões idiomáticas, permitindo a transferência de significado de um lugar semântico para um outro, com o significante continuando o mesmo. Xatara chama a este processo um tipo de paráfrase metafórica. O mesmo autor considera que a relação entre o seu significado e o seu significante é motivada metaforicamente e no processo de metaforização cada elemento perde a sua função nominativa própria e o conjunto da expressão idiomática passa a ser uma nova unidade semântica.

Na língua chinesa, também se encontram frequentemente metáforas em *shúyǔ* (fraseologia). Wang (2018) conclui que as expressões idiomáticas portuguesas e os *chéngyǔ* revelam ambos um elevado valor metafórico. Para além de *chéngyǔ*, as outras categorias como *yànyǔ*, *guànyòngyǔ* e *xiēhòuyǔ* também se manifestam metafóricos (Zhou, 2016).

Nesta secção, seguindo o trabalho de Ritchie (2013), primeiramente apresenta-se o percurso do entendimento e definição de metáfora ao longo do tempo. A seguir recorreremos à teoria de Lakoff e Johnson (2002) a respeito do conceito metafórico, em que nos apoiamos para a análise de metáforas em provérbios e expressões idiomáticas.

Não é fácil entender o conceito de metáfora e a definição do próprio termo tem sofrido grandes mudanças ao longo dos tempos. Aristóteles define metáfora como “a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do género para a espécie ou da espécie para o género ou de uma espécie para outra ou por analogia” (Aristóteles, 2008, p.83). Aristóteles, tal como muitos outros, e.g. Kövecses<sup>11</sup>, considera metáfora uma substituição ou comparação implícita baseada em regras de analogia (Ritchie, 2013). No entanto, esta explicação tende

8 Podem encontrar-se divergências a respeito desta afirmação no mundo académico. Wang (2018) já discutiu esta questão.

9 *Zhuangyuan* foi o título dado ao estudioso que alcançou a pontuação mais alta no nível mais alto do exame imperial na antiguidade chinesa.

10 Wen (2011) deu uma definição rigorosa a *guànyòngyǔ*, comparando-o com outros termos semelhantes, tais como *yànyǔ*, *chéngyǔ* e nomes próprios.

11 Veja-se a definição de Kövecses: “A metáfora é uma figura de linguagem em que uma coisa é comparada a outra dizendo que uma é a outra. (Ritchie, 2013, pp. 4-5)”.

a simplificar o conceito e não dá para explicar muitos fenómenos. Indo além das definições mais tradicionais, Kenneth Burke define metáfora como “um dispositivo para ver algo em termos de outra coisa”, enquanto que Semino afirma que metáfora é “o fenómeno pelo qual falamos e, potencialmente, pensamos sobre algo em termos de outra coisa” (Ritchie, 2013, p. 6). Apesar de se verificar um avanço em comparação com as definições mais tradicionais, as de Burke e de Semino ainda apresentam limitações. Por exemplo, Burke usa “dispositivo” na sua definição, trazendo consigo uma implicação de passividade, e a palavra “fenómeno” que Semino emprega coloca mais ênfase na própria metáfora como um local de atividade independente do falante ou do ouvinte. Contudo, admite-se que Semino estendeu a definição de metáfora (“... pensamos sobre algo em termos de outra coisa”) no sentido de lhe atribuir um valor cognitivo (Ritchie, 2013, p. 7).

Lakoff e Johnson definem e desenvolvem metáfora não só como “pensar sobre algo em termos de outra coisa”, mas também “experimentar algo como um outro” (Ritchie, 2013, p. 7). A descoberta foi primeiramente exposta em *Metaphors We Live By*, o trabalho pioneiro de Lakoff e Johnson, em 1980<sup>12</sup>. Lakoff e Johnson (2002) apontam que a metáfora está inserida na nossa vida quotidiana, não apenas na língua, como também no pensamento e na ação, opinião contrária às daqueles que consideram que a metáfora é apenas um ornamento retórico. Os autores defendem que o sistema concetual ordinário, que governa as atividades quotidianas não só de pensamento, mas também de comportamento, é fundamentalmente metafórico por natureza. Porém, o referido sistema concetual não é algo de que temos consciência, uma vez que pensamos e nos comportamos inconscientemente, seguindo uma linha de conduta que não é fácil de conhecer. O que se pode capturar e analisar é a linguagem, meio e base da comunicação quotidiana. Em outras palavras, é através da linguagem que podemos identificar e analisar as metáforas consistentes no sistema de pensar e de agir. Os dois autores sugerem entender metáfora como conceito metafórico (Lakoff & Johnson, 2002).

Vejam-se a seguir três exemplos propostos pelos autores para esclarecer a teoria: a) Os seus argumentos são indefensáveis; b) Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação; c) Jamais ganhei uma discussão com ele. Note-se que estes exemplos falam de debate ou discussão em termos de guerra, utilizando as palavras (em itálico) originalmente para as batalhas. Os autores lembram ainda que não só falamos sobre discussão em termos de guerra, como também agimos com este conceito: defendemos a nossa opinião como se defendêssemos a nossa posição numa batalha; empenhamo-nos a convencer os outros como se

12 Neste artigo citamos a versão portuguesa, publicada em 2002.

atacássemos os inimigos; ganhamos uma discussão como se conseguíssemos vitória numa guerra (Lakoff & Johnson, 2002). Dos exemplos acima analisados, compreende-se o seguinte conceito metafórico: discussão é guerra.

Aliás, Lakoff e Johnson (2002) explicam o papel de cultura no funcionamento de conceitos metafóricos. Por exemplo, no referido conceito “discussão é guerra”, se numa certa cultura não existisse guerra, conseqüentemente perdendo o significado defender, ganhar ou perder um terreno, deixaríamos de falar da mesma maneira apresentada nos exemplos. Se numa cultura uma discussão fosse vista como uma dança, as pessoas dessa cultura compreendê-la-iam e experienciá-la-iam de um modo diferente.

No que diz respeito à relação entre metáfora e cultura, Lakoff e Johnson concluem que “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura (Lakoff & Johnson, 2002, p. 71)”. Os valores, em vez de serem independentes, estão profundamente enraizados na nossa cultura e são coerentes com as metáforas que usamos. Os conflitos entre valores podem resultar em conflitos entre as metáforas associadas a eles (Lakoff & Johnson, 2002).

A teoria de metáfora proposta por Lakoff e Johnson, sendo uma “inovação” na área da linguística, é fundamental para perceber o que é realmente metáfora e como é que esta funciona no nosso pensamento e comportamento, por meio da linguagem. No entanto, o trabalho pioneiro de Lakoff e Johnson (2002) deixou algumas questões em branco. Lan (2005) observou duas limitações. Primeiro, o trabalho de Lakoff não toca os estudos translinguais e transculturais, uma vez que apresentam apenas provas em inglês. Nesse caso, não se sabe se a teoria funciona do mesmo modo em outras línguas e culturas. A segunda limitação está associada à primeira: a universalidade e relatividade de metáforas. Os autores apresentaram a coerência entre metáfora e cultura (Lakoff & Johnson, 2002), porém não a aprofundaram num contexto maior, deixando o leitor em dúvida: o que acontecerá às metáforas se variarem as culturas?<sup>13</sup>

Em 1993, Lakoff previu que os mapeamentos metafóricos apresentavam divergências, sendo alguns universais e os outros associados a uma determinada cultura (Lan, 2005). Em 2006, vinte e cinco anos após a primeira publicação em inglês de *The Metaphor We Live By*, Johnson (2006) confirmou a existência de

13 Embora não abordem a questão de forma sistemática no referido trabalho, Lakoff e Johnson apresentam uns exemplos justificando que as metáforas variam com a cultura a que estão associadas. Por exemplo, mencionam que na metonímia “pomba pelo espírito santo”, o simbolismo está fundamentado na conceção de pomba na cultura ocidental e na conceção do Espírito Santo na teologia cristã (Lakoff & Johnson, 2002, p. 97).

metáforas universais em todas as culturas, dadas as nossas capacidades corporais comuns para percepção e controlo motor e dadas as características comuns dos ambientes que habitamos. Por outro lado, as diferenças culturais substanciais determinam a predominância de certas metáforas dentro de uma cultura. O autor concluiu que a questão de existir ou não metáforas universais é uma questão empírica e que deve ser estudada no enquadramento de estudos transculturais (Johnson, 2006).

Na próxima secção faremos uma comparação chinês-português em termos de expressões idiomáticas e provérbios, com o foco na análise da concordância e das particularidades da metáfora à luz da teoria de Lakoff e Johnson.

#### 4. Metáforas em expressões idiomáticas e provérbios: uma comparação entre português e chinês

Nesta secção dedicamo-nos à comparação de metáforas encontradas em expressões idiomáticas e provérbios, entre o português e o chinês, a fim de identificar e analisar as metáforas universais, ou seja, concordantes entre as duas línguas e metáforas particulares, em outras palavras, metáforas existentes numa língua e não na outra.

O corpus em que nos baseamos é a *Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas*, compilação de Monsenhor António André Ngan (1998).

##### 4.1 Metáforas universais

Zhong (2000) conclui que existe similaridade e proximidade de provérbios de diversos países. Xatara (2008) justifica a universalidade do provérbio através de um exemplo “O costume faz a lei” em francês, italiano, espanhol e inglês, dizendo que o provérbio pode adaptar-se a diferentes países e idiomas.

Somos também a favor das opiniões expostas, já que as experiências e os conhecimentos das pessoas de diferentes culturas têm as suas semelhanças (Grosso & Zhang, 2018). Esclarecemos que a universalidade no presente trabalho não significa que as metáforas devem ser exatamente iguais, mas sim são perfeitamente concordantes na língua chinesa e portuguesa. Veja-se a seguir cinco grupos de expressão idiomática e provérbio, em português e chinês:

Tabela 1 Metáfora universal – 1

Exemplo 1	
Português	Se o cântaro bate na pedra, quem fica mal é o cântaro.
Chinês	yǐ luǎn jī shí 以卵击石 (tradução literal: bater o ovo na pedra)

Neste primeiro grupo, o exemplo em português é um provérbio e o exemplo em chinês é um chéngyǔ. Cântaro e ovo são ambos objetos fracos e representam vulnerabilidade. Pedra, imagem<sup>14</sup> que ocorre em ambas as frases, transmite a ideia de algo duro, forte e difícil de vencer. As duas frases passam-nos a mesma lição: Quem não conhece bem a sua própria capacidade e se atreve a desafiar os mais fortes não terá bom resultado. Estes conceitos metafóricos, tal como explicam Lakoff e Johnson (2002), representam o nosso processo de pensar e agir. Quando pensamos nas pessoas débeis, física ou psicologicamente, associamo-las naturalmente aos objetos fracos que se encontram na vida quotidiana. Do mesmo modo, as pedras dão sempre a ideia de rigidez e força, características correspondentes às pessoas mais fortes (ou mais capazes) do que nós. Quando nos propomos desafiar uma pessoa destas ou uma tarefa muito além das nossas capacidades, surgem-nos espontaneamente a imagem de um objeto fraco, que pode ser ovo ou cântaro, a bater numa pedra.

Tabela 2 Metáfora universal – 2

Exemplo 2	
Português	O tempo é dinheiro.
Chinês	Yīcùn guāngyīn yīcùn jīn 一寸光阴一寸金 (tradução literal: um cun <sup>15</sup> de tempo é tão valioso que um cun de ouro)

Trata-se de um provérbio português e um sùyǔ chinês. O conceito “tempo é dinheiro” já foi analisado por Lakoff e Johnson (2002, pp. 50–52). Muitos exemplos são apresentados<sup>16</sup>, exemplificando: a) Está a desperdiçar o meu tempo; b) Tenho investido muito tempo nela; c) Deve administrar bem o seu tempo. Tempo é muito valioso e é um recurso limitado, tal como o dinheiro e o ouro. É pelo facto de que agimos como se o tempo fosse dinheiro que o concebemos dessa forma. Consequentemente compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, investido, poupado, etc.

14 Newmark (2001) argumenta que *metáfora* demonstra uma área semântica comum entre a *imagem* e o *objeto*.

15 *Cun* 寸 é uma medida de comprimento chinesa. É aproximadamente igual a 3,33 centímetros.

16 Os exemplos são em inglês. Citamos aqui as suas traduções literais porque também funcionam na língua portuguesa.

Tabela 3 Metáfora universal – 3

Exemplo 3	
Português	Não é com palha que se apaga o fogo.
Chinês	<i>bào xīn jiù huǒ</i> 抱薪救火 (tradução literal: pegar palhas para apagar o fogo)

É inútil e até perigoso usar palha para apagar o fogo, uma vez que é de senso comum que palha é um material inflamável e o único resultado será a propagação do fogo e a colocação de si próprio em perigo. O provérbio português e o chéngyǔ chinês, perfeitamente concordantes, ensinam-nos que a adoção de um método inapropriado ou errado, mesmo com boa intenção, pode levar-nos a um destino oposto e até nos deixar em perigo.

Tabela 4 Metáfora universal – 4

Exemplo 4	
Português	Gato a quem mordeu a cobra, tem medo à corda.
Chinês	<i>Yī zhāo bèi shé yǎo, shí nián pà jǐng shéng</i> 一朝被蛇咬，十年怕井繩 (tradução literal: Depois de ser mordido por uma cobra, tinha medo da corda durante dez anos)

É mais um exemplo de metáfora universal. O provérbio português e o yànyǔ chinês refletem a mesma reação a algo semelhante a uma experiência ruim no passado (Geng, 1991, p. 1328). A metáfora de “corda” suscita o mesmo efeito psicológico nas duas culturas.

Tabela 5 Metáfora universal – 5

Exemplo 5	
Português	Quem não avança, recua.
Chinês	<i>bù jìn zé tuì</i> 不进则退 (tradução literal: se não avança, recua)

Verificam-se metáforas orientacionais nas duas frases. As metáforas orientacionais têm a ver com a orientação espacial do corpo como “para cima – para baixo”, “dentro – fora”, “frente – atrás”, que têm uma base na nossa

experiência física e cultural. As metáforas orientacionais conferem a um conceito uma orientação espacial como “feliz é para cima”, e.g. “pensar nela sempre me levanta o ânimo” (Lakoff & Johnson, 2002, pp. 59–60). No exemplo 5, o provérbio português e o chéngyǔ chinês seguem o mesmo conceito metafórico: “progredir é para frente (o bom) e recuar é para trás (o mau)”.

Os cinco exemplos analisados demonstram que existem metáforas universais (concordantes) na cultura chinesa e portuguesa, o que pode ser explicado pelas capacidades corporais comuns para percepção e controlo motor, pelas características comuns dos ambientes que habitamos (Johnson, 2006), e pelos valores partilhados, levando em conta que os valores estão profundamente enraizados na nossa cultura e são coerentes com as metáforas que usamos (Lakoff & Johnson, 2002), por isso nos aspetos culturais semelhantes as metáforas relacionadas também são concordantes.

#### 4.2 Metáforas particulares

A particularidade de metáforas é observada por todo o lado, dadas as diferenças culturais substanciais que determinam a predominância de certas metáforas dentro de uma cultura (Johnson, 2006). Para esclarecer isso selecionamos mais cinco grupos de exemplos em chinês e em português, que estão semanticamente concordantes, mas que revelam metáforas diferentes, a seguir:

Tabela 6 Metáfora particular – 6

Exemplo 6	
Português	Quando vires as barbas do vizinho a arder, põe as tuas de molho.
Chinês	<i>chún wáng chǐ hán</i> 唇亡齿寒 (tradução literal: perdidos os lábios, sente-se frio nos dentes)

O chéngyǔ chinês, *chún wáng chǐ hán*, provém de *Zuǒzhuàn* 左传<sup>17</sup>. Durante os *Períodos das Primaveras e Outonos*, Jinxiangong 晋献公, o rei do Estado Jin 晋, pretendia expandir o território anexando o Estado Guo 虢. No meio dos dois Estados ficava o Estado Yu 虞. Jinxiangong mandou dar jade e cavalos preciosos a Yugong 虞公, o rei do Estado Yu, e pediu-lhe autorização para passar pelo seu território, pretensão a que Gongzhiqi 宫之奇, o Consultor do Yu se opôs imediatamente, avançando com o argumento: “A relação entre o Estado

17 *Zuǒzhuàn* é tradicionalmente considerada um comentário sobre a antiga crónica chinesa dos *Períodos das Primaveras e Outonos*.

Guo e o Estado Yu é como a relação entre lábios e dentes. Perdendo os lábios, os dentes sofrerão frio. (Guo & Chen, 2019, p. 257)” Usamos frequentemente este conceito metafórico “a relação entre lábios e dentes” para descrever a ligação ou dependência entre duas coisas que aparentemente não se relacionam entre si. Como este chéngyǔ tem uma base histórico-cultural, não existe uma equivalência direta na língua portuguesa. Curiosamente, tal como a metáfora de “lábios e dentes” no chéngyǔ, a metáfora no provérbio português emprega também uma parte do corpo (as barbas) como imagem.

Tabela 7 Metáfora universal – 7

Exemplo 7	
Português	Quem está caído, mal dará a mão ao vizinho.
Chinês	<i>Nípúsà guòjiāng, zìshēn nánbǎo</i> 泥菩萨过江——自身难保 (tradução literal: Buda de lama atravessa o rio: incapaz de se proteger)

No provérbio português, “está caído” é uma metáfora. Conforme o conceito metáfora orientacional de Lakoff e Johnson, “saúde e vida são para cima; doença e morte são para baixo (Lakoff & Johnson, 2002, p. 60)”. Por exemplo: “Ele está no auge da sua forma física”; “Ele caiu doente”; “A saúde dele está a declinar”. A base física deste conceito metafórico é que doenças nos forçam a ficar deitados, e que ficamos deitados ao morrer. Argumentam ainda que “bom é para cima; mau é para baixo” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 63). A metáfora “está caído” pode ser entendida “está doente” ou “está em dificuldades”. Aliás, “dar a mão a” também é uma metáfora. O seu equivalente chinês é um xiēhòuyǔ. “Buda de lama atravessa o rio” é uma metáfora. “Ser de lama” indica a fragilidade e “atravessar o rio” intensifica-a ainda. Apesar de empregarem metáforas diferentes, as duas frases estão semanticamente concordantes.

Tabela 8 Metáfora universal – 8

Exemplo 8	
Português	Quem a fama tem perdida, morto anda nesta vida.
Chinês	<i>shēn bài míng liè</i> 身败名裂 (tradução literal: o estatuto social destrói-se e a fama quebra-se.)

No chéngyǔ chinês está uma metáfora ontológica. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a nossa experiência com substâncias e objetos físicos proporciona-nos uma base para compreender as nossas experiências em termos de objetos e substâncias e a base para uma variedade de metáforas ontológicas, em outras palavras, formas de se conceber eventos, emoções, ideias etc. como entidades ou substâncias (Lakoff & Johnson, 2002). No shēn bài míng liè o estatuto social e a fama não tidos como substâncias, nesse caso, fracas, como por exemplo um vaso. Quando se quebra, tudo acaba. No provérbio português está uma metáfora de morte. “Andar morto” significa perder tudo.

Tabela 9 Metáfora universal – 9

Exemplo 9	
Português	Roma e Pavia, não se fizeram num dia.
Chinês	<i>Bīngdòng sān chǐ fēi yī rì zhī hán</i> 冰冻三尺非一日之寒 (tradução literal: Três <i>chi</i> <sup>18</sup> de gelo não se formam num dia só)

O provérbio português tem outras versões como “Não se faz Roma em um dia”. É bem conhecido no mundo ocidental uma vez que também existe em outras línguas<sup>19</sup>. De facto, hoje em dia com a influência da língua inglesa, a tradução literal da mesma frase “Luómǎ bùshì yītiān jiànchéng de 罗马不是一天建成的” também se usa muito na China, tendo-se integrado na língua chinesa<sup>20</sup>. Encontramos a sua equivalência chinesa que provém de Lùn héng 论衡, livro provavelmente compilado entre os anos 27 e 97.

Tabela 10 Metáfora universal – 10

Exemplo 10	
Português	Ficar em águas de bacalhau.
Chinês	<i>bàn tú ér fèi</i> 半途而废 (tradução literal: desistir a meio caminho)

A expressão idiomática portuguesa conota a ideia de “ficar sem efeito; algo que não se realiza” e origina-se da atividade piscatória dos bacalhoeiros

18 *Chi* é unidade de comprimento chinesa e equivale a 33,33 centímetros.

19 Xatara (2008) afirma que é difícil saber onde um provérbio surgiu primeiro, sobretudo entre as línguas latinas. Não se sabe se um determinado provérbio veio do latim ou foi traduzido de outras línguas latinas.

20 Nesse caso, não consideramos que a tradução seja um provérbio chinês.

nos mares da Gronelândia, em que muitas tragédias ocorreram e muitas cargas e barcos ficaram lá para sempre (Rente, 2013). A metáfora nesta expressão é “negócio/trabalho/projeto... é uma atividade piscatória no mar”. O provérbio chinês, por sua vez, provém duma frase em Lǐjì Zhōngyōng 礼记·中庸: “Jūnzǐ zūn dào ér xíng, bàn tú’ér fèi, wú fú néng yǐ yǐ 君子遵道而行,半途而废,吾弗能已矣” (tradução literal: Um cavaleiro segue o caminho e desiste a meio. Mas eu não nunca pararei). A metáfora transmitida através deste provérbio é “negócio/trabalho/projeto... é uma viagem”. As diferentes fontes determinam a particularidade de metáforas nas duas expressões.

Em suma, as expressões e provérbios portugueses e os shúyǔ (fraseologia) chineses são marcados pelas suas identidades histórico-culturais, razão pela qual as metáforas se revelam distintas e únicas. Os chéngyǔ, por exemplo, têm por trás a sua fonte própria, geralmente em forma de um conto passado de geração para geração, relacionando-se à sua cultura e mostrando a particularidade e a riqueza espiritual. Por outro lado, cada povo tem a sua maneira de pensar e agir, que é fundamentalmente metafórica. Esse sistema concetual é algo automático e manifesta-se na linguagem (Lakoff & Johnson, 2002), no nosso caso, nas frases populares. Por isso, mudam-se as metáforas à medida que os povos se comportam, física e psicologicamente, de forma diferente. Dada a particularidade, Steinberg (1995) afirma que uma expressão idiomática, especialmente a metafórica, tem como característica não poder ser traduzida palavra por palavra.

## 5. Considerações finais

Para concluir, o nosso trabalho a) apresentou a definição, estrutura e origem da expressão idiomática e provérbio (em português) e do shúyǔ (em chinês); b) fez uma revisão das definições de metáfora ao longo da história, focalizando-se no conceito metafórico de Lakoff e Johnson; c) analisou de modo comparativo as metáforas em expressões idiomáticas e provérbios portugueses e em shúyǔ chineses, tendo encontrado metáforas universais e particulares.

Consideramos essencial fazer este estudo comparativo, visto que:

- a) Reforça o conhecimento da própria identidade. As frases correntes são frutos das experiências de um povo, transmitidas de geração em geração (Xatara & Succi, 2008). Analisando-as de forma comparada permite-nos uma visão mais abrangente e de um ângulo diferente.
- b) Analisar as metáforas é estudar o *sistema concetual* de um determinado

povo, sendo que é através de linguagem que concebemos o nosso sistema concetual ordinário (Lakoff & Johnson, 2002). Ao invés de ser uma mera análise linguística, o nosso trabalho realizou um estudo transcultural entre a cultura portuguesa e a chinesa.

Há vários trabalhos possíveis a continuar no futuro. Em primeiro lugar, é possível fazer pesquisas mais específicas, como por exemplo focalizar as metáforas orientacionais. Reparámos que muitos conceitos metafóricos de espacialização são concordantes nas duas línguas. Segundo, a tradução chinês-português de metáforas também é um tópico que merece muita atenção<sup>21</sup>. A questão de tradução de metáforas foi teoricamente estudada por Newmark (2001) e encontram-se múltiplos trabalhos que tratam da tradução chinês-inglês. Por fim, é possível discutir os métodos pedagógicos em termos de comparação de metáforas, ao ensinar português aos alunos chineses ou ensinar chinês aos alunos provenientes dos países de língua portuguesa.

21 Um trabalho importante que trata dessa questão é o de Schmaltz (2015).

## Bibliografia

- Aristóteles. (2008). *Poética* (A. M. Valente, Trad.). (3.<sup>a</sup> ed). Fundação Calouste Gulbenkian.
- *Dicionário da Língua Portuguesa*. (2011). Porto Editora.
- *Dicionário da Língua Portuguesa* (6.<sup>a</sup> ed). (1990). Porto Editora.
- 耿文辉. (Geng, W. H.) (1991). 中华谚语大辞典. 辽宁人民出版社. [*Dicionário de Provérbios Chineses*. Liaoning People's Publishing House].
- Grosso, M. J., & Zhang, J. (2018). A Língua Materna Chinesa no Desenvolvimento da Competência Sociocultural em Língua Portuguesa. In Zhang J. & M. J. Grosso (Eds), *A Promoção do Português em Macau e no Interior da China* (pp.198-209). Universidade de Macau e Lidel.
- 郭志坤, & 陈雪良 (Guo, Z. K., & Chen, X. L.) (2019). 成语里的中国通史. 上海人民出版社. [*A História Geral da China em Expressões Idiomáticas, volume I*. Shanghai People's Press].
- Johnson, M. (2006). Prefácio. In *Women Laiyishengcun De Yinyu [Metáforas pelas quais vivemos]*. Linking Publishing.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2002). *Metáforas da Vida Cotidiana* (V. Maluf, Trad.). Mercado de Letras.
- 蓝纯. (Lan, C.) (2005). 认知语言学与隐喻研究. 外语教学与研究出版社. [*Linguística Cognitiva e Estudos de Metáforas*. Foreign Language Teaching and Research Press].
- Liu, M. (2012). *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Minho.
- Mendes, H. M. R. V. D. (2002). A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE. In *Cadernos de PLE Nº2*. Universidade de Aveiro.
- 莫言. (Mo, Y.) (2012). 生死疲劳. 作家出版社. [*A Vida e a Morte Estão me Desgastando*. Writers Publishing House].
- Newmark, P. (2001). *A textbook of translation*. Shanghai Foreign Language Education Press.
- Ngan, M. A. A. (1998). *Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas*. Associação de Educação de Adultos de Macau.
- Rente, S. (2013). *Expressões idiomáticas ilustradas*. Lidel.
- Ritchie, L. D. (2013). *Metaphor*. Cambridge University Press.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Caminho.
- Schmaltz, M. (2015). *Resolução de problemas na tradução de metáforas linguísticas do chinês para o português: um estudo empírico-experimental*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Macau.
- Steinberg, M. (1995). Provérbios e tradução. *TradTerm*, 2, 59–65.
- 孙维. (Sun, W.) (1989). 汉语熟语学. 吉林教育出版社. [*Fraseologia Chinesa*. Jilin Education Publishing House].
- Viégas-Faria, B. (2004). Soluções tradutórias para a alteração contextual de provérbios em Júlio César, de Shakespeare. *Letras de Hoje*, 39 (1), 195–215.
- Vilela, M. (2002). As expressões idiomáticas na língua e no discurso. *Actas Do Encontro Comemorativo Dos 25 Anos*, 159–189.
- Wang, C. X. (2018). *Expressões idiomáticas em português europeu para alunos chineses: competências e ensino*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Macau.
- 温端政. (Wen, D. Z.) (Ed.). (2011). 中国惯用语大辞典辞海版. 上海辞书出版社. [*Dicionário de Expressões Convencionais em Chinês*. Shanghai Lexicographical Publishing House].
- Xatara, C. M. (1998). O campo minado das expressões idiomáticas. *ALFA: Revista de Linguística*, 42 (n.esp), 147–159.
- Xatara, C. M., & Succi, T. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, 12(1), 33–48.
- *Xiandai Hanyu Cidian [Dicionário do Chinês Contemporâneo (6.<sup>a</sup> edição)]*. (2012). The Commercial Press.
- Zhong, Y. (2000). *Provérbios em Português e Chinês*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Macau.
- 周荐. (Zhou, J.) (2016). 现代汉语词汇学教程. 北京大学出版社. [*Curso de Lexicologia do Chinês Contemporâneo*. Peking University Press].